



ENTRE ATERROS E MARGENS: PERCEPÇÕES E MODOS DE HABITAR NO RIO POXIM, ARACAJU (SE)¹

ANA CAROLINE DA PAZ SANTOS (UFS/SE)²

RESUMO

Este trabalho analisa as transformações urbanas ocorridas nas margens do rio Poxim, em Aracaju (SE), e suas implicações para os modos de habitar e as percepções dos moradores que estabelecem relações cotidianas com esse ambiente. A pesquisa parte da compreensão de que a cidade foi historicamente constituída por intervenções sobre áreas alagadiças e manguezais, configurando uma dinâmica de expansão urbana marcada por aterros e pela reconfiguração das paisagens hídricas. O objetivo é apresentar um panorama da literatura sobre a ocupação das margens do rio Poxim e discutir como essas transformações produziram novas formas de interação entre cidade, rio e população. Metodologicamente, se trata de uma investigação exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica, pesquisa documental e experiências etnográficas preliminares. O referencial teórico dialoga com a Antropologia Urbana, especialmente a partir da perspectiva de José Guilherme Magnani, compreendendo a cidade como um espaço continuamente produzido pelas práticas e experiências dos sujeitos. A análise dos bairros Coroa do Meio e da comunidade do Pantanal evidencia diferentes formas de apropriação e significação do rio, ao mesmo tempo em que revela impactos comuns decorrentes da urbanização, como a degradação ambiental, o assoreamento e a diminuição dos recursos pesqueiros. Conclui-se que o rio Poxim constitui um espaço vivido, atravessado por memórias, práticas e sentidos que persistem apesar das transformações impostas pelo crescimento urbano.

Palavras-chaves: Rio Poxim; Aracaju/SE; Paisagem urbana.

ABSTRACT

This paper analyzes the urban transformations that have taken place along the banks of the Poxim River, in Aracaju, Sergipe, and their implications for ways of dwelling and for the perceptions of residents who maintain everyday relationships with this environment. The study is based on the understanding that the city was historically shaped by interventions in wetlands and mangrove areas, establishing a process of urban expansion marked by land reclamation and the reconfiguration of aquatic landscapes. The objective is to present an overview of the literature on the occupation of the Poxim River banks and to discuss how these transformations have produced new forms of interaction among the city, the river, and the population. Methodologically, this is an exploratory study grounded in a literature review, documentary research, and preliminary ethnographic experiences. The theoretical framework draws on Urban Anthropology, especially the perspective of José Guilherme Magnani, which understands the city as a space continuously produced through the practices and experiences of its inhabitants. The analysis of the Coroa do Meio neighborhood and the Pantanal community highlights different forms of appropriation and meanings attributed to the river, while also revealing common impacts resulting from urbanization, such as environmental degradation, siltation, and the reduction of fishery resources. The study concludes that the Poxim River constitutes a lived space, shaped by memories, practices, and meanings that persist despite the transformations imposed by urban growth.

Keywords: Poxim River; Aracaju, Sergipe; Urban landscape.

¹Trabalho Apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (2026).

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe; Graduada em Licenciatura plena em Ciências Sociais (UFS) e Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGA/UFS). E-mail: anaacarolinepazzzzz@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Aracaju é uma cidade cuja geografia é marcada pela presença das águas. Diferentemente de outras capitais litorâneas brasileiras que têm como principal elemento paisagístico o mar, a paisagem aracajuana destaca-se também pelo aspecto fluvial. A cidade é atravessada e delimitada por rios como o Sergipe, o Poxim e o do Sal, que funcionam como marcadores fundamentais de sua paisagem e de sua dinâmica urbana.

Ao analisarmos o processo histórico da capital de Sergipe, podemos perceber que a cidade foi fundada sob o signo da modernidade; no entanto, seu projeto urbano se contrapôs às condições geográficas que tanto influenciaram a sua fundação. Gradualmente a lógica de aterros se impôs à natureza anfíbia da cidade. Até mesmo na atualidade essa configuração influencia o seu desenvolvimento, uma vez que conforme entramos na capital, faz-se notar o aspecto insalubre e ameaçador do ambiente físico, sobretudo em regiões ricas em estuários e manguezais.

É certo que no passado como no presente a malha fluvial sempre desempenhou papel primordial no processo de formação da cidade. Uma das razões para a transferência da capital, em 1855, se deu por conta das características geográficas de Aracaju, uma vez que sua localização facilitava o escoamento da produção local por via portuária. Assim, a cidade surgiu, juntamente, com a natureza hostil do seu ambiente físico, tendo uma área predominantemente marcada pela presença de mangues, lagoas, pântanos e alagadiços característicos da região. Sob esse aspecto, os primeiros anos da capital (1855–1921) foram marcados pela luta do homem contra a natureza e pela audácia em enfrentar às constantes epidemias da cólera e febre, consequências comuns do clima muito úmido e das condições mínimas de higiene (Ribeiro, 1989).

Aracaju passou por dois períodos significativos em seu processo de expansão demográfica. O primeiro deles, que vai de 1855 a 1900, marcado pela sobreposição dos sujeitos as condições adversas do ambiente; e o segundo, entre 1900 e 1930, caracteriza-se por um intenso processo de modernização.

A primeira fase de desenvolvimento, entre os anos de 1855-1900, destaca-se pela contenção da insalubridade decorrente das péssimas condições do ambiente físico e pela implementação de políticas urbanas a partir dos recursos do Governo Provincial, com a

finalidade facilitar o acesso a locomoção na cidade e a promoção de saneamento e saúde básica.

Inacio J. Barbosa, em virtude da pressa da capital se tornar realidade, incumbiu ao engenheiro militar José Sebastião Basílio Pirro a responsabilidade do planejamento urbanístico do núcleo originário da cidade. Seu planejamento urbanístico, caracterizado por um rigoroso traçado geográfico, vulgarmente conhecido por “quadrado de Pirro”, serviu para delimitar a zona nobre da capital. A base para a montagem desse tabuleiro de xadrez foi buscada no classicismo do século XIX. Em decorrência do pouco conhecimento da área, Pirro abusou dos aterros (Almeida, 2010). O traçado proposto por ele implicou no desmonte de extensas porções de mangues e alagadiços que caracterizavam a região do centro da cidade.

Com relação ao segundo período, ocorrido entre 1900 e 1930, verifica-se um notável desenvolvimento, proporcionado pela intervenção do Governo Estadual na urbanização e embelezamento da capital. Em 1920 ocorre uma transformação na configuração urbana de Aracaju provocada, principalmente, pela reestruturação das áreas centrais da cidade, cujo projeto visava expulsar dessa região os remanescentes da população de baixa renda que por ali ainda habitavam.

Em um período mais adiante, a cidade passa por um crescimento espontâneo, promovido tanto pela participação das empresas de construção civil, quanto pela maior intervenção estatal na estruturação do espaço urbano, observa-se uma maior expansão da cidade em direção à zona sul e oeste. De acordo com Loureiro, nessa época, houve a ocupação gradativa de vazios urbanos de áreas alagadiças. A ocupação desses vazios urbanos, refere-se, provavelmente, ao loteamento e construção as margens dos rios e dos manguezais da cidade.

É importante termos em mente que, com a transferência da capital, o povoamento de Aracaju foi acontecendo principalmente às margens do rio Sergipe. Os demais rios da cidade não foram ocupados de maneira simultânea, pois a vegetação dificultava o acesso a algumas regiões. Assim aconteceu com o rio Poxim, cujo desenvolvimento urbano, comparado ao rio Sergipe, é recente.

Ao percorrer a cidade, podemos observar que o rio Poxim perpassa uma região fortemente urbanizada do município de Aracaju. Ele é responsável por drenar terrenos em diversos bairros, por conta da grande densidade demográfica, o Poxim, se caracteriza por

permitir inúmeras possibilidades de sociabilidades cotidianas, experimentadas por moradores situados tanto em zonas nobres da cidade quanto em áreas mais periféricas.

O processo de urbanização da cidade de Aracaju resultou em um desenvolvimento desordenado que deixou atrás de si regiões com baixa qualidade de vida, cujos arranjos se caracterizavam pelo traçado irregular das ruas e ausência de saneamento. Na atualidade esse complexo habitacional criou uma espécie de isolamento físicoantropológico que imprime a algumas áreas da cidade um certo tipo de insularidade, ao manter a população em meio a enclaves residenciais. Trata-se da malha fluvial que perpassa a capital e seu entorno, onde habita a população mais humilde, mas não só. Alguns trechos do rio são ocupados, também, por habitações, cujos moradores possuem algum poder aquisitivo.

Desde o final do século XX e especialmente nas últimas duas décadas, a expansão urbana e a ocupação das margens do Poxim alteraram a paisagem com construções, aterros, perda de áreas verdes. Torna-se, portanto, necessário reconstituir a história social dos moradores que se encontram em áreas recônditas da cidade, onde habitam segmentos da população que passam quase que despercebidos pelas estatísticas, das políticas públicas e dos olhos daqueles que habitam o centro da capital. Além disso, pensarmos o rio Poxim em sua dimensão histórica refletindo sobre sua configuração antes da ocupação de suas margens, por onde ele adentrava Aracaju, quais trajetórias seguia e como se inseria na paisagem antes das intervenções urbanas. Essa perspectiva permite compreender não apenas o modo como o rio é vivido atualmente, mas também como suas transformações moldaram e continuam moldando as experiências dos moradores que habitam suas margens.

Meu recorte de pesquisa corresponde ao trecho do rio Poxim, localizado no município de Aracaju. Uma vez que ao percorrer as suas margens é possível observar diversas interações e a cada uma delas a perspectiva da paisagem se altera, como se o rio também reagisse à cidade. Quando isolado ele é barulhento e selvagem, e conforme adentramos em áreas habitadas ele é manso e contido. Em áreas nobres ele é ainda mais escondido, quase se fazendo invisível, não se consegue ter um vislumbre vertical do rio, a não ser sob as pontes, uma vez que os prédios e a mata o escodem. Contudo, dentro do rio a perspectiva é outra, em alguns trechos é possível visualizar o rio, o mangue e logo atrás aglomerados de prédios, como um lembrete de que das margens brotam as cidades e não o contrário.

Considerando que esta pesquisa teve início durante a elaboração da minha conclusão de curso em Ciências Sociais e ganhou continuidade a partir da minha inserção no mestrado em Antropologia, compreendo que o trabalho ainda se encontra em um processo de formação, amadurecimento teórico e construção dos seus desdobramentos analíticos.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo apresentar um panorama da literatura existente sobre as formas de ocupação das margens do rio Poxim, bem como discutir os processos de aterros realizados em seu leito como parte das transformações urbanas decorrentes do processo de expansão e urbanização da cidade. Busca-se, assim, compreender como essas intervenções produzem novas configurações espaciais e relações entre cidade, rio e modos de habitar, constituindo um campo de investigação que será aprofundado ao longo da continuidade da pesquisa.

Com relação a metodologia, a presente investigação possui um caráter exploratório e qualitativo com base em revisão bibliográfica e nas experiências anteriores a campo, buscando compreender os modos de existência e como experiências situadas produzem determinada realidade social.

De acordo com Silva (2015), o campo não se limita à experiência concreta vivida entre o projeto e a escrita etnográfica. Ele também se constitui através dos livros que lemos, dos relatos de outras pesquisas que nos chegam por diferentes vias e dos dados que produzimos diretamente. Complementando essa reflexão, Evans-Pritchard, afirma “é inútil partir para o campo as cegas. É preciso saber exatamente o que se quer saber” (Evans-Pritchard, 2005, p.244). Partindo das constatações desses dois autores, o primeiro momento da pesquisa, no qual me encontro, consistiu em um levantamento bibliográfico e documental sobre a fundação da capital e a ocupação das margens do rio Poxim.

Esse movimento, de levantamento bibliográfico, proporcionou um conhecimento prévio sobre os processos de formação urbana de Aracaju e me permitiu aprofundar a compreensão das relações entre espaço, ambiente e experiência social. Além disso, a investigação exige um debate interdisciplinar que dialogue com diferentes áreas das ciências humanas e aplicadas.

Em conformidade com a perspectiva de José Guilherme Cantor Magnani, uma das principais referências nos estudos de Antropologia Urbana no Brasil, parte-se da compreensão de que “a cidade, mais do que um mero cenário onde transcorre a ação

social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos” (Magnani, 2009, p. 132). Desse modo, o autor propõe que o antropólogo desenvolva um “olhar de perto e de dentro”, atento aos arranjos produzidos pelos atores sociais e às formas pelas quais estes percebem, circulam, utilizam e significam a cidade em seus percursos cotidianos. Tal perspectiva contribui para compreender a cidade não apenas como estrutura física, mas como um espaço vivido, continuamente produzido pelas experiências e práticas sociais de seus habitantes.

AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA PAISAGEM DE ARACAJU E A SUA RELAÇÃO COM O RIO POXIM.

Tendo sua nascente no município de São Cristóvão, ao sul de Aracaju, e sua foz na desembocadura do Rio Sergipe. O rio Poxim é formado pelos rios Poxim-Açu, Poxim-Mirim e Pitanga, possui uma superfície alongada, com uma área aproximada de 348,71 km² e está localizado na porção leste do estado de Sergipe.

Sua sub-bacia hidrográfica integra a bacia hidrográfica do Rio Sergipe. De acordo com Jesus et al. (2025), o rio Poxim, trata-se de um importante curso de água do estado, abrangendo os municípios de Aracaju, Areia Branca, Itaporanga d'Ajuda, Laranjeiras, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro. Na cidade de Aracaju, o Poxim atravessa trechos fortemente urbanizados do município, drenando áreas de diversos bairros, como Capucho, Jabotiana, São Conrado, Inácio Barbosa, Jardins, Farolândia, Atalaia, Treze de Julho e Coroa do Meio.

Kátia Afonso Silva Loureiro, em sua obra *“A trajetória Urbana de Aracaju: Em Tempo de Interferir”* (1983), dedica-se a analisar o desenvolvimento urbano de Aracaju, fazendo uma periodização e destacando as especificidades de cada período, bem como os seus diversos condicionantes ao longo do tempo. Para tal, Loureiro propõe uma periodização do desenvolvimento urbano de Aracaju em quatro fases: 1) 1855–1900, implantação do aparelho estatal e ocupação inicial; 2) 1900–1930, consolidação de Aracaju como centro administrativo, político e econômico de Sergipe; 3) 1930–1964, aparecimento de bairros populares e diversificação econômica, e; 4) 1964 em diante, intensificação da urbanização e surgimento de novos bairros. Em conformidade com ela, durante a segunda metade do século XX, houve a ocupação gradativa de vazios urbanos de áreas alagadiças. A ocupação desses espaços, refere-se ao loteamento e construção às margens dos rios e dos manguezais da cidade.

Já Fernanda Cordeiro de Almeida (2010), faz uma análise a respeito das motivações para os aterramentos dos manguezais ao longo da trajetória histórica de Aracaju e a consequente devastação desse ecossistema. A cidade está assentada em sua maior parte em planícies marinhas e fluviomarinha, o que favorece para uma vegetação higrófitas: Campos de várzeas e manguezais (Almeida, 2010). Os manguezais se caracterizam como áreas costeiras formadas por árvores e arbustos adaptados à vida em água salobra. Em Aracaju, esse ecossistema localizado principalmente nas margens dos rios e estuários os quais desempenham um papel crucial na proteção ambiental e na sustentação das atividades econômicas, como a pesca. Visto que são áreas que abrigam uma rica diversidade de fauna, incluindo peixes, crustáceos, moluscos e diversas espécies de aves, a exemplo da garça-branca, essa vegetação também funciona como barreira natural contra as erosão e inundações, protegendo as áreas urbanas da cidade. De acordo com a autora, os responsáveis pelos aterramentos dos manguezais podem ser agrupados em duas categorias: a esfera pública e a conexão entre esfera pública-privada.

Em Aracaju, a esfera privada começou a sua atuação de maneira efetiva a partir da década de 1950. Já a esfera pública iniciou a sua atuação por volta de 1856, nos anos iniciais da nova capital. As obras de aterros foram, inicialmente, justificadas para a contenção da insalubridade e abertura de novos acessos, e posteriormente para a expansão urbana e embelezamento da cidade.

É importante termos em mente que, com a transferência da capital, o povoamento de Aracaju foi acontecendo principalmente às margens do rio Sergipe. Os demais rios da cidade, como o rio do Sal e o rio Poxim, não foram ocupados de forma simultânea, pois a vegetação dificultava o acesso a essas regiões. Assim aconteceu com o rio Poxim, cujo desenvolvimento urbano, comparado ao rio Sergipe, é recente. Desse modo, a expansão urbana ocorreu gradualmente. Diante do exposto, vamos nos debruçarmos sobre a análise dessas margens, com ênfase no trecho que abrange o município de Aracaju, onde, assim como o rio Sergipe, o Poxim desempenha um papel central na vida urbana da cidade.

Desde sua ocupação as margens do rio Poxim têm sido palco de intensas transformações urbanas e sociais, refletidas tanto na infraestrutura quanto nas práticas cotidianas dos moradores. Uma das transformações mais evidentes decorre da expansão do setor imobiliário, sobretudo nas áreas nobres da cidade. Em conformidade com Santos

(2021, p. 21-22), a paisagem que circunda as margens do rio “está refém da interferência da especulação imobiliária, gerando pontos de concentração em determinados locais de maior interesse financeiro [...]”. Podemos ver que a ocupação acaba impactando a paisagem natural, sobretudo em razão do aumento dos índices de poluição hídrica e das modificações no ambiente ribeirinho.

Em Aracaju, a urbanização nas proximidades do rio começou a se intensificar a partir da segunda metade do século XX, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1980. É nessa época que ocorrem as primeiras obras no leito do rio Poxim, as construções tinham como principal objetivo facilitar o acesso entre o centro de Aracaju e a zona sul da cidade. Isso porque, a aproximadamente 10 km do centro, localiza-se um dos principais pontos turísticos e cartão postal da capital sergipana: a praia da Atalaia. Nesse contexto, as primeiras obras executadas sobre o rio Poxim foram as construções das pontes: Ponte Velha da Atalaia (1936) e a Juscelino Kubitschek (1956).

A primeira ponte, conforme a figura em destaque, foi construída com o propósito de interligar os bairros de Aracaju, sendo erguida em 1936, durante a gestão do então governador Eronides de Carvalho (1935-1941). Esse marco estrutural representou um passo inicial no processo de integração urbana da capital sergipana. No entanto, não se tratou de um avanço definitivo, uma vez que, apesar de facilitar o acesso entre diferentes áreas da cidade, a ponte apresentava limitações significativas. Sua estrutura era simples, feita de madeira, não era suficientemente robusta para suportar o crescimento gradual do fluxo de pessoas e veículos, revelando, com o tempo, a necessidade de novas soluções de mobilidade.



Figura 01- Fotografia da primeira ponte de ligação entre Aracaju e Atalaia. Fonte: Diniz, 2009.

A estrutura da Ponte Velha da Atalaia, com seu formato arqueado, sugere uma concepção pensada para permitir a travessia de embarcações maiores, como o saveiro, típico transporte fluvial regional. O entorno, retratado na figura 1, é predominantemente composto por vegetação, sem indícios visíveis de ocupações residenciais consolidadas. A presença de canoas e pequenos barcos indica aspectos da rotina local naquele período, marcada pela pesca e pela travessia do rio como prática cotidiana dos moradores da região. Uma vez que antes da construção da ponte, alcançava-se a praia da Atalaia Velha de saveiro ou de canoa e, em casos extremos de cavalo pelos caminhos de terra, conforme depoimento recolhido por Inaê Elias Magno da Silva, que consta em sua dissertação de mestrado intitulada “*Quando a cidade chega à praia: estudo de exclusão urbana*” (1997, p. 35).

Brito Neto (2015) em seu trabalho sobre a memória e a história da Atalaia Velha, relata que, antes de 1936, para se chegar ao outro lado da cidade, era necessário atravessar o rio e seguir por estradas de areia fina, muitas vezes alagadas, repletas de charcos e lagoas, o que tornava o percurso difícil e demorado, especialmente durante os períodos de chuva.

Segundo Rosalvo Fontes, um dos moradores da região:

“A Atalia era isolada de Aracaju pelo rio Poxim. Nosso transporte era de canoa ou animais, pois até 1934, não existia ponte do Rio Poxim. Os veranistas iam para Aracaju e voltavam diariamente de canoa, sendo canoeiros os mesmos moradores. Quem ia por terra a Aracaju, a pé ou nos animais, chegando no rio Poxim, atravessava na canoa, onde um dos canoeiros era Zeca de Jardo. Os animais passavam nadando e as cargas e os cavaleiros passavam de canoa (...).”

3

Com o tempo, a ponte passou a apresentar defeitos com relação à sua estrutura, como rachaduras e interdições. Além disso, o trânsito de veículos era dificultado, já que não era permitido o cruzamento de veículos em sentidos opostos, o que gerava congestionamentos, principalmente, nos fins de semana, quando aumentava o fluxo de banhistas, comerciantes e moradores entre o centro e a praia da Atalaia.

Se a Ponte Velha da Atalaia (1936) se consolidou como uma das primeiras travessias de concreto permanentes sobre o rio Poxim, marcando o início da expansão urbana de Aracaju em direção ao sul. A Ponte Juscelino Kubitschek, também conhecida

³ Entrevista com Rosalvo Fontes, em 2010. Fonte: Brito Neto, Aquilino José. “Ao sul de Aracaju...”: memória e história da Atalaia Velha (1900-1952)

como Ponte da Atalaia e Ponte Parque dos Cajueiros, consolidou essa expansão e a integração da zona sul com o centro da cidade.

Inaugurada em 1956, a Ponte Juscelino Kubitschek desempenhou um papel fundamental na ocupação das margens do rio Poxim, em Aracaju. Diante das limitações estruturais da antiga ponte e do crescente fluxo de veículos, surgiu a necessidade de uma nova travessia. A resposta veio com a construção da Ponte Juscelino Kubitschek, que consolidou a ligação entre o centro da cidade e a região sul, promovendo a expansão urbana e incentivando o crescimento de bairros como a Coroa do Meio, Treze de Julho, Jardins, Inácio Barbosa, Farolândia e Atalaia.

Na atualidade, a ponte, popularmente conhecida como “Ponte do Parque dos Cajueiros”, devido à sua proximidade ao local, é o principal meio de acesso ao sul da cidade. Ao ser inaugurada, possuía uma estrutura de concreto armado e com vãos largos, aptos a receberem um trânsito intenso. Conforme informava a Folha Popular no dia 29 de dezembro de 1956:

Às 10 horas da manhã de terça-feira, com a presença do Governador Leandro Maciel, de autoridades civis, militares e eclesiásticas, de presidentes de sindicatos, e grande massa popular, foi inaugurada a ponte sobre o rio Poxim ligando Aracaju à Atalaia Velha. A ponte ora inaugurada, de estilo moderno e com 160 metros de extensão, vem dar um grande impulso ao progresso daquela zona, contribuindo para o escoamento da produção e possibilitando o surgimento de novas indústrias [...] por outro lado, favorecerá o progresso urbanístico e residencial da cidade que atualmente muito se estende para o sul, colocando numa situação privilegiada toda a faixa marítima que vai da praia Formosa à Atalaia Velha.⁴

Segue abaixo uma fotografia da Ponte Juscelino Kubitschek, mencionada na reportagem acima. Podemos ver na fotografia que, diferentemente da ponte mais antiga, sua estrutura já não apresenta um formato acentuadamente arqueado, o que pode indicar uma mudança nos tipos de navegação do rio Poxim. Tal característica sugere que embarcações de grande porte, como os saveiros, já não compunham de forma significativa a dinâmica fluvial da região.

⁴ Correio de Aracaju. Edição n. 6083 – Ano L de 17 de janeiro de 1957.



Figura 02 – Fotografia da ponte Juscelino Kubitschek sobre o Rio Poxim, 1957. Fonte: Diniz, 2009.

Ao longo das décadas, a ponte Juscelino Kubitschek passou por algumas reformas na sua estrutura, mantendo-se, até os dias atuais, como um dos principais eixos de acesso à zona sul de Aracaju. A sua construção não apenas facilitou a mobilidade urbana, como também estimulou o surgimento de equipamentos públicos, privados e espaços de lazer na região. Dessa forma, a ponte representou um marco inicial significativo para o processo de ocupação e urbanização das margens do rio Poxim.

O Parque dos Cajueiros mencionado acima como um ponto de referência para a identificação da ponte Juscelino Kubitschek foi inaugurado em 1990, durante o governo de Antônio Carlos Valadares (1987–1991), que dá nome ao espaço. Funcionou ativamente por aproximadamente uma década; no entanto, o desgaste causado pelo tempo e a falta de manutenção levaram ao seu fechamento, permanecendo inativo por cerca de dez anos.

Quando inaugurado, o parque funcionava como uma área de lazer urbano, oferecendo quadras esportivas, decks, brinquedos infantis e atividades aquáticas, como remo e canoagem. Apesar de estar situado às margens do rio Poxim, o local não era e nem é atualmente apropriado para banho, devido à profundidade de suas águas. No entanto, registros fotográficos antigos, mostram frequentadores à beira do rio em trajes de banho e algumas pessoas se banhando. Assim, não é possível afirmar com precisão até que ponto essa norma de uso foi, de fato, aplicada ou fiscalizada na época.

O parque está localizado na zona sul de Aracaju, mas especificamente na Avenida Beira Mar, no bairro Farolândia. Trata-se de uma área que, em comparação a outras

regiões da cidade, recebe maior atenção e investimentos públicos por parte do poder governamental, mas que nem por isso deixou de ter seus momentos de negligência.

Após anos de abandono, o Parque passou por uma reestruturação completa em 2012, que incluiu a demolição da antiga estrutura e a construção de novas instalações.

Segundo Rodrigues e Santos (2018), especialmente após a revitalização do local, o parque passou a ser utilizado como espaço de contemplação e, principalmente, como cenário para a realização de ensaios fotográficos e práticas de pesca. Em relação ao fluxo de visitantes, as autoras constataram, por meio de questionários, que 32% dos moradores frequentam o parque uma vez por mês; 22% apenas nos finais de semana; e 18%, uma vez por ano. Apenas 2% dos entrevistados afirmaram frequentar o parque diariamente, o que, segundo observações diretas realizadas pelas autoras, reflete um esvaziamento quase total durante os dias úteis.

Durante as visitas iniciais ao parque, utilizei a modalidade de pesquisa caracterizada por Magnani (2002) como "de passagem", que consiste em percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos, com seus hábitos, conflitos e estratégias cotidianas, se deixando afetar pela fragmentação produzida através das sucessões de imagens e situações. Nessa etapa, minhas impressões foram semelhantes às registradas por Rodrigues e Santos (2018). Nas primeiras idas ao local, a aparente ausência de visitantes reforçava a percepção de um espaço pouco frequentado e marcado por certa sensação de esvaziamento.

Contudo, à medida que passei a frequentar o parque com maior regularidade e permanência, essa primeira impressão começou a se transformar. O que inicialmente parecia um espaço esvaziado revelou-se um ambiente atravessado por diferentes formas de uso e apropriação que escapavam a um olhar mais apressado.

O tempo no parque parece seguir outro ritmo. Acostumada ao movimento acelerado da cidade, esperava encontrar ali o mesmo fluxo de entra e sai, e de agitação urbana. Contudo, percebi que o parque é um espaço de pausa, um lugar onde tudo convida a demorar. Ao permitir que o olhar repousasse com mais atenção sobre a paisagem e ao acompanhar os ritmos cotidianos do lugar, passei a perceber a presença de pescadores, caminhantes, praticantes de atividades físicas, visitantes ocasionais e moradores que utilizavam o espaço como ponto de encontro ou de descanso.

A análise da urbanização das margens do rio Poxim revela como os instrumentos de mobilidade, especialmente as pontes, constituíram elementos centrais na transformação do espaço urbano, uma vez que as pontes não apenas possibilitaram a conexão física entre o centro da cidade e a zona sul de Aracaju, mas também simbolizou o avanço de um projeto moderno de cidade, fundamentado na lógica do crescimento urbano e da circulação.

Na contemporaneidade, a paisagem nas proximidades da ponte e das margens do rio adquiriu novos significados por meio das práticas sociais desenvolvidas no Parque dos Cajueiros. O espaço antes associado predominantemente à circulação e à expansão urbana passa também a ser apropriado como lugar de convivência, lazer e contemplação da paisagem.

Entretanto, a urbanização das margens do rio Poxim não se restringiu às áreas próxima a ponte. O processo de expansão urbana avançou progressivamente para outros setores da cidade, alcançando diferentes bairros e redefinindo as formas de ocupação e relação com o rio. Esse movimento evidencia que as transformações da paisagem do Poxim acompanharam as dinâmicas de crescimento de Aracaju, produzindo novos usos, tensões e significados ao longo do tempo, como será discutido a seguir a partir da ocupação dos demais bairros da cidade.

HABITAR AS MARGENS: A OCUPAÇÃO DOS BAIRROS COROA DO MEIO E COMUNIDADE DO PANTANAL

Em conformidade com Wanderley (2006), que analisou a dinâmica da foz do rio Sergipe a partir de fotografias aéreas e cartas náuticas da Marinha datadas entre 1823 e 1927, a formação geográfica da Coroa do Meio está relacionada à união de duas áreas arenosas localizadas na desembocadura do rio Sergipe. Ao longo do processo geomorfológico, essas coroas arenosas se uniram ao pontal existente, originando a configuração espacial que atualmente compreende os bairros Coroa do Meio e Atalaia, na zona sul de Aracaju. A constituição da Coroa do Meio esteve diretamente associada a um intenso projeto de intervenção urbana, o que acabou posteriormente alterando a paisagem natural e a dinâmica ecológica da região.

Carmelita Rikelly Santos de Souza em seu trabalho *“A percepção dos pescadores e pescadoras artesanais sobre os serviços ecossistêmicos aquáticos do bairro Coroa do Meio em Aracaju/SE”* (2022), investigou a complexa relação entre as comunidades

tradicionais de pesca e o ambiente urbano em transformação. Desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe (PRODEMA/UFS), o trabalho tratou dos pescadores da Coroa do Meio, os quais vivenciam diariamente os impactos da urbanização sobre os recursos hídricos. O texto evidencia que o acelerado crescimento urbano e os sucessivos aterramentos que degradaram as áreas de manguezal e estuário, além de ameaçar a reprodução social desses trabalhadores. Através de narrativas e registros fotográficos, a autora demonstra que o saber empírico dos pescadores é fundamental para a conservação ambiental e para o planejamento urbano sustentável.

A ocupação humana da Coroa do Meio teve início na década de 1940, com a instalação de uma pequena comunidade de pescadores. Posteriormente, a partir da década de 1960, a região passou a receber migrantes oriundos do interior do estado de Sergipe, que construíram suas moradias em estruturas de palafitas às margens do rio Poxim. Até meados da década de 1970, predominava uma comunidade ribeirinha formada principalmente por pescadores e pescadoras artesanais, cuja relação com o ambiente aquático organizava as práticas econômicas e sociais locais.

Esse cenário foi modificado a partir das intervenções promovidas pelo poder público municipal. Por meio da Empresa Municipal de Urbanização de Aracaju, a prefeitura iniciou projetos de aterro e loteamento das áreas alagadiças da Coroa do Meio, com o objetivo de incorporar novos espaços à expansão urbana. O processo de urbanização teve início em 1978 e ganhou maior intensidade em 1979, especialmente através do Projeto Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada (CURA).

As obras envolveram o aterramento de áreas ocupadas por ecossistemas aquáticos, incluindo regiões de manguezais, canais de maré e ilhas habitadas, como a Ilha do Colodiano e a Ilha do Bico do Pato. Também ocorreram processos de canalização de trechos do rio Sergipe, modificando a dinâmica natural das águas. Conforme destaca Souza (2022, p. 18):

“o processo de urbanização desse bairro ocorreu numa delimitação temporal, a princípio de 1978 a 2011. Essas intervenções, realizadas pelo poder público da capital Aracaju, ocorreram mediante o aterramento de uma área formada por ecossistemas aquáticos associados a praias, dunas, estuários e manguezais.”

A população ribeirinha residente nessas áreas foi removida e reassentada pela prefeitura em habitações provisórias de madeira. Cerca de 120 famílias que viviam na Ilha do Colodiano foram indenizadas e transferidas para o interior do bairro.

A urbanização da Coroa do Meio esteve relacionada, em grande medida, aos interesses de valorização imobiliária da região. A construção de infraestruturas como a ponte de acesso e, posteriormente, o Shopping Riomar, inaugurado em 1987 no espaço anteriormente ocupado pela Ilha do Colodiano, consolidou uma nova configuração urbana. Entretanto, as alterações ambientais provocadas pelos aterros interferiram na dinâmica costeira e geraram instabilidade nos terrenos recém-criados, levando parte dos investimentos imobiliários a serem abandonados diante do receio da ação das águas sobre essas áreas (Rafael; Santos, 2024).

Um dos resultados desse processo foi a formação da laguna artificial conhecida popularmente como “Draga”, criada a partir da retirada de sedimentos utilizados nos aterros do bairro e na construção do Shopping Riomar. Atualmente, esse espaço permanece como um importante marco da presença hídrica na região, sendo utilizado como área de ancoradouro para embarcações e como referência de ponto de encontro entre os pescadores locais.

Nas áreas aterradas, famílias de baixa renda, sem acesso ao mercado formal de habitação, passaram a construir moradias em palafitas, formando o território posteriormente identificado pelo poder público como a “favela” da Coroa do Meio. Entre 2006 e 2011, programas como o Habitar Brasil (HBB) e o ProCidades promoveram ações de reurbanização dessas áreas, resultando na construção de casas de alvenaria destinadas ao reassentamento da população. Apesar disso, essas moradias foram criticadas pelos moradores devido às dimensões reduzidas e às limitações estruturais.

Atualmente, a Coroa do Meio apresenta-se como um bairro consolidado e heterogêneo, marcado pela coexistência de diferentes formas de ocupação. Contudo, o processo histórico de urbanização produziu impactos ambientais significativos, como a transformação de canais de maré em córregos de esgoto, o assoreamento dos rios Sergipe e Poxim, a degradação dos manguezais e a redução dos estoques pesqueiros. Essas transformações afetaram diretamente o modo de vida das comunidades tradicionais que historicamente estabeleceram relações de dependência e pertencimento com o ambiente aquático.

Diferentemente da Coroa do Meio, a formação da comunidade do Pantanal, localizada no bairro Inácio Barbosa (zona sul de Aracaju), ocorreu a partir de uma ocupação popular mais recente, iniciada no começo da década de 1990. Sua constituição esteve relacionada à iniciativa dos próprios moradores, que participaram diretamente da construção do território.

Nos primeiros anos, a região era caracterizada pela presença de poucos habitantes, que construíam suas moradias em barracos de madeira e estruturas de palafitas. Os caminhos eram estreitos e permitiam apenas a circulação de bicicletas e carroças. Os relatos dos moradores descrevem uma paisagem marcada por manguezais densos e vegetação abundante, além de uma relação mais próxima entre comunidade e ambiente natural.

Com o crescimento populacional, ocorreu a expansão das moradias e o aumento de moradores, muitas delas construídas nas próximas do leito do rio Poxim. Durante a década de 2000, a Prefeitura de Aracaju realizou intervenções urbanas na área, porém essas ações não solucionaram problemas estruturais relacionados ao saneamento básico, ao abastecimento de água e às condições de infraestrutura.

Atualmente, o Pantanal enfrenta estigmas associados à pobreza e à violência, além de problemas ambientais relacionados à poluição do rio Poxim, que recebe frequentemente resíduos industriais e domésticos. Contudo, diante desse contexto de transformações tanto na comunidade quanto no rio, também emergem movimentos comunitários voltados à valorização do território e à recuperação dos vínculos dos moradores com o corpo hídrico. Um exemplo é o projeto “Jogando Limpo com a Maré”, criado por moradores do Pantanal em 2024, que busca promover a valorização do rio Poxim e fortalecer a autoestima dos moradores por meio de ações coletivas, encontros e atividades voltadas à sensibilização ambiental e à valorização do lugar.

Podemos concluir que a presença do rio Poxim na Coroa do Meio e no Pantanal se manifesta de maneiras distintas, evidenciando trajetórias históricas diferentes de ocupação e apropriação do espaço. Na Coroa do Meio, o rio aparece como elemento fundador do território e como componente central da identidade dos pescadores artesanais. A Associação de Pescadores da Coroa do Meio funciona como espaço de sociabilidade e preservação dos conhecimentos relacionados às marés, à pesca e à dinâmica ambiental local.

A degradação do rio também está associada à destruição do mangue, como afirma Irmão Reis, presidente da associação de pescadores, que relembra que toda a área era coberta por manguezais, hoje aterrados. Ele evidencia em todas as suas falas como o rio sofre. Segundo ele:

Tudo que vai pro rio, vai contaminando o rio. Vai matando o mangue, vai matando o marisco. Então, a gente vê hoje, eu vejo o rio uma... o rio hoje não chora porque não tem lágrima. Mas eu choro no lugar dele. Porque, muitas vezes eu quero fazer minha parte, mas sozinho não posso fazer nada, né?

Esse lamento, revela o modo como a paisagem e o rio são percebidos não como elementos exteriores, mas como parte da própria existência do sujeito. A dor pela degradação ambiental é vivida como uma dor pessoal. Na condição de pescador, Reis demonstra sofrer muito com a poluição.

No Pantanal, o rio assume uma presença mais cotidiana e imediata, funcionando como uma extensão do espaço doméstico. Para muitos moradores, o Poxim constitui uma espécie de “quintal”, atravessando memórias relacionadas ao banho, ao transporte e às experiências da infância. Segundo relatos dos moradores, antigamente, era comum as crianças utilizarem o Poxim para banho e transporte até bairros vizinhos, como o São Conrado, bairro de Aracaju.

No Pantanal, o rio também habita o imaginário local através de lendas e mitos. Há relatos sobre o “Nego d’Água”, um lobisomem da maré e até um pescador fantasma que jogaria tarrafa durante a madrugada, deixando apenas uma neblina para trás. Essas histórias revelam como o rio também se inscreve no imaginário coletivo da comunidade, ganhando contornos míticos e simbólicos que reforçam sua importância como lugar vivido e sentido. Assim, as narrativas evidenciam que o rio representa mais do que um elemento físico ou geográfico. Como observa Gandara (2009), a paisagem hídrica é constituída por um espaço-tempo vivido, em que se entrecruzam memórias, percepções e afetos. O rio é um depositário das memórias de infância, promoção de melhorias e preocupação com a degradação. São essas experiências que moldam a maneira como os moradores percebem e se relacionam com o rio.

Em ambas as comunidades, o rio é percebido é compreendido pelos seus moradores como um espaço-tempo vivido, das memórias de infância, e de pescaria, mas sofre com a degradação. Tanto entre os pescadores da Coroa do Meio quanto os moradores do Pantanal, relatam a diminuição da quantidade de peixes e o aumento da poluição, que torna a água imprópria para o banho e consumo. As duas regiões

exemplificam o que o trabalho chama de "Aracaju anfíbia", onde o crescimento urbano ocorreu sobre aterros de manguezais, alterando a topografia natural para acomodar a expansão da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo buscou compreender as transformações urbanas de Aracaju a partir da relação estabelecida entre a cidade e o rio Poxim, evidenciando como a expansão urbana esteve historicamente associada à intervenção sobre os ambientes aquáticos que compõem a paisagem da capital sergipana.

A trajetória urbana de Aracaju revela uma tensão permanente entre a condição anfíbia do território e os projetos urbanos fundamentados nos ideais de modernização, circulação e expansão territorial. Os aterros, as obras de infraestrutura e a ocupação das margens dos rios possibilitaram a ampliação da malha urbana, mas também produziram impactos ambientais e sociais que permanecem presentes na configuração atual da cidade. Nesse sentido, conforme aponta Souza (2022), o crescimento urbano desordenado da capital produziu alterações significativas nos regimes de vazão dos rios Sergipe e Poxim, afetando diretamente os pescadores e pescadoras artesanais que dependem desses ambientes para a reprodução de seus modos de vida.

Essa perspectiva permite compreender que os impactos da urbanização não se restringem às transformações físicas da paisagem, mas atingem também as relações sociais, práticas culturais e formas tradicionais de existência. Os projetos de desenvolvimento urbano frequentemente são orientados por uma visão que separa sociedade e natureza, tratando o ambiente costeiro e fluvial como um elemento externo às populações que historicamente construíram suas vidas em relação com esses territórios. Entretanto, a experiência dos pescadores e dos moradores demonstra que essa separação é limitada, uma vez que os sujeitos também constituem e são constituídos pelos ambientes em que vivem.

A construção das pontes sobre o rio Poxim evidencia como as intervenções urbanas reorganizaram os fluxos e as formas de ocupação da cidade. Esses equipamentos não devem ser compreendidos apenas como estruturas técnicas de mobilidade, mas como elementos capazes de produzir novas configurações territoriais, impulsionando a expansão urbana em direção à zona sul e favorecendo processos posteriores de

valorização imobiliária. Ao mesmo tempo em que aproximaram regiões antes separadas pelo curso d'água.

A ocupação da Coroa do Meio e do Pantanal evidencia diferentes formas de relação com o rio Poxim. Na Coroa do Meio, o rio aparece como elemento constitutivo da história das comunidades pesqueiras, relacionado aos conhecimentos sobre as marés, à pesca e às práticas de sociabilidade. No Pantanal, o rio surge como parte das memórias e experiências cotidianas dos moradores, associado às vivências da infância, ao lazer e aos imaginários construídos em torno da água. Contudo, em ambos os territórios, é perceptível a presença de processos semelhantes: a degradação ambiental e a transformação da relação entre população e rio decorrentes da expansão urbana.

A poluição do rio Poxim é uma realidade perceptível aos moradores e, sobretudo, aos pescadores que vivenciam diariamente suas margens e águas. Ao longo dos últimos vinte anos, eles observaram a diminuição da quantidade de peixes, a redução do número de pescadores e o assoreamento do rio, causado principalmente pelo despejo de resíduos e pelo avanço urbano desordenado.

Dessa forma, pensar o rio Poxim significa compreender que a paisagem urbana não é apenas resultado de projetos técnicos ou intervenções físicas, mas também das relações estabelecidas entre diferentes sujeitos, ambientes e temporalidades. O rio permanece como um espaço vivido, atravessado por memórias, práticas e significados, ainda que muitas vezes oculto pelos processos urbanos que transformaram suas margens.

Por fim, esta pesquisa, ainda em processo de desenvolvimento, aponta para a necessidade de aprofundar a compreensão sobre as formas pelas quais os moradores das margens do rio Poxim percebem, narram e experienciam essas transformações. Durante as incursões a campo, pude ter uma compreensão do rio Poxim que somente a experiência vivida permite.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Cordeiro de. Manguezais aracajuanos: convivendo com a devastação. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

BRITO NETO, Aquilino José de. Ao sul de Aracaju...: memória e história da Atalaia Velha (1900-1952). 130 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão 2015.

- EVANS-PRITCHARD, E. E. Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 298-398.
- GANDARA, Gercinair Silvério. Rios: território das águas às margens das cidades: o caso dos rios de Uruaçu-GO. *Confins. Revista franco-brasileira de geografia*, n. 31, 2017.
- JESUS, Robson Andrade de; SANTOS, Ketylen Vieira; SOARES, Maria José Nascimento; GOMES FILHO, Raimundo Rodrigues; COSTA, Jailton de Jesus; ALMEIDA, Gênisson Lima de. Análise bibliométrica da produção científica sobre o Rio Poxim. In: COSTA, Jailton de Jesus; ALMEIDA, Gênisson Lima de; JESUS, Robson Andrade de. (org.). (Per)curso do Rio Poxim: textos e contextos de organização. 2025.
- LOUREIRO, Kátia Afonso Silva. A trajetória Urbana de Aracaju em Tempo de Interferir. Aracaju, Instituto de Economia e Pesquisa – INEP, 1983.
- MAGNANI, José Guilherme C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.
- MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2002, v. 17, n. 49. pp. 11-29
- RAFAEL, Ulisses Neves; SANTOS, Ana Caroline da Paz; SANTOS, Igor Tadeu Dias dos. Aracaju anfíbia: representações dos espaços hídricos pelas populações ribeirinhas do estuário do rio Sergipe. *Revista Ambivalências*, São Cristóvão-SE, v. 12, n. 23, p. 219-242, 2024.
- RIBEIRO, Neuza M. Gois. Transformação do espaço urbano: o caso de Aracaju. Recife: Massangana, 1989.
- RODRIGUES, Larissa Prado; SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus. Os parques urbanos de Aracaju/SE – Brasil enquanto espaços públicos de lazer e turismo. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*, 2018.
- SANTOS, Ana Caroline da Paz. As margens do rio Poxim: um estudo acerca das sociabilidades da paisagem. 2025. 75 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025.
- SANTOS, W. L. As transformações da paisagem urbana ao longo do Rio Poxim em Aracaju-SE. 2021. 167 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.
- SILVA, Inaê Elias Magno da. Quando a cidade chega à praia: estudo de exclusão social urbana. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.
- SILVA, Vagner Gonçalves. O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- SOUZA, Carmelita Rikelly Santos de. A percepção dos pescadores e pescadoras artesanais sobre os serviços ecossistêmicos aquáticos do bairro Coroa do Meio em Aracaju/SE. 2022. 176 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.